



HOMILIA PARA A ORDENAÇÃO PRESBITERAL DO DIÁCONO MESSIAS PEREIRA

UBAÍ, 06 DE FEVEREIRO DE 2026

PARA SERVIR E DAR A VIDA POR MUITOS (Mt 20,28)

PROXIMIDADE COM O BISPO

No caminho das quatro ordenações que nossa Igreja Particular vive e celebra neste tempo, estamos fazendo um caminho de meditação acerca das quatro proximidades que devem marcar o ministério dos presbíteros. A segunda proximidade, na ordem apresentada pelo Papa Francisco, é a proximidade com o bispo. Convido-te, Messias, a servir e dar tua vida por muitos na proximidade com teu bispo.

A segunda leitura tirada da Carta aos Hebreus nos permite vislumbrar o sacerdócio de Cristo e o prolongamento dele na eleição e consagração de homens que, pela participação neste único sacerdócio de Cristo, levam adiante, numa cadeia ininterrupta desde a primeira hora do cristianismo, o sacrifício da nova e eterna aliança. Este sacrifício é memorial vivo e atual da oferta pessoal, única e irrepetível de Cristo na cruz. Por este ato cultual, a redenção permanece e é oferecida a todos os seres humanos, os pecados são perdoados, os sacerdotes e todo o povo são associados a esse mistério que perdoa e santifica. Jesus Cristo, proclamado por Deus sumo sacerdote na ordem de Melquisedec, continua presente e vivo, na pessoa de cada sacerdote que preside “na pessoa mesma de Cristo” ao santo sacrifício da redenção humana e aos demais sacramentos e atos litúrgicos. Cristo continua, em cada sacerdote, a ensinar e educar seu povo eleito, a santificá-lo com sua graça e a pastoreá-lo com amor na direção da plenitude do seu Reino, que começa aqui e ultrapassa os limites do tempo e da história, mergulhando toda a criação no mistério mesmo da Trindade.

Desde as primícias da Tradição da Igreja, sobretudo a partir de Santo Inácio de Antioquia, um dos primeiros Padres Apostólicos a defender uma estrutura hierárquica na Igreja, na segunda metade do século I, bebendo da teologia paulina da variedade dos ministérios na Igreja Primitiva e da própria e inicial constituição do grupo apostólico por Jesus, vai-se constituindo, no caminho do discernimento dos carismas, o sacramento da Ordem em três graus: o diaconato, o presbiterato e o episcopado.

Na prece de ordenação dos diáconos, o bispo que preside reza assim: “Para edificação do novo templo, constituíste três ordens de ministros para servirem ao vosso nome, como outrora escolheste os filhos de Levi para o serviço do antigo santuário”. O diaconato nasce na manhã da Igreja Primitiva para o serviço das mesas, para o cuidado dos pobres, para que não houvesse ruptura ou parcialidade entre anúncio querigmático da fé e promoção da dignidade humana. O presbiterato, presente no seio das comunidades primitivas, é o carisma para a dinamização evangelizadora e pastoral de cada comunidade fundada, a fim de que não faltassem na vida destas comunidades nascentes a oração, a pregação e a celebração da memória pascal de Jesus, sobretudo a Eucaristia, que ele quis que fosse celebrada desde a última ceia. O episcopado, no caminho da evolução dos ministérios, é o serviço para a comunhão entre as várias comunidades cristãs que, sob o cuidado dos presbíteros, cresciam e se multiplicavam a ponto de não ser possível ter um bispo em cada uma, como na primeira hora.

Assim os três graus de participação no ministério pastoral e sacerdotal de Cristo vão dando ao sacerdócio do Novo Testamento nova visibilidade e maior sacramentalidade. O sacerdócio do



Antigo Testamento está vinculado a Aarão, de linhagem terrena e tribal. O sacerdócio do Novo Testamento está vinculado a Cristo, segundo a ordem de um sacerdote de origem e fim desconhecidos, Melquisedec. Agora trata-se de um sacerdócio superior, único, insubstituível, definitivo.

O diaconato, permanente ou no caminho para o sacerdócio, como primeiro grau do sacramento da Ordem, configura a Cristo servo do Pai e servidor de todos. O presbiterato associa e configura mais perfeitamente a Cristo Sacerdote, pois aquele que foi constituído neste grau age “na pessoa de Cristo” em tudo que faz: quando prega, quando preside, quando realiza os atos sacramentais, quando ensina, quando santifica, quando pastoreia. O episcopado é, por fim, expressão mais plena do Sumo Sacerdócio de Cristo, pois aquele que é consagrado neste grau é o primeiro servidor, o primeiro sacerdote e o pastor visível de todo o rebanho confiado a ele e que é cuidado com a colaboração sacramental, necessária e imediata, dos presbíteros. Na prece de ordenação dos presbíteros, o bispo reza: “Concedei também, agora, à nossa fraqueza, Senhor, este colaborador, de que tanto necessitamos no exercício do sacerdócio apostólico”.

Há, portanto, um vínculo sacramental, constitutivo, vital entre o ministério episcopal e o ministério dos presbíteros e dos diáconos. Isso aparece bem nas palavras de Santo Inácio de Antioquia quando fala da relação entre estes ministérios: “É necessário que tudo o que fizerdes seja feito em harmonia com Deus, sob a presidência do bispo, que ocupa o lugar de Deus, e dos presbíteros, que ocupam o lugar dos apóstolos”; “Segui todos ao bispo, como Jesus Cristo ao Pai, e ao presbitério, como aos apóstolos”; “Nada façam sem o consentimento do bispo”; “Quem faz algo sem o bispo presta culto ao diabo”; “Sem o bispo ninguém faça nada do que diz respeito à Igreja”... Estas palavras de Santo Inácio de Antioquia não podem ser motivo para empoderamento e vaidade da parte dos bispos, mas devem ser estímulo ao ofício sempre difícil do bispo de construir comunhão, vínculo, unidade no seio da sua comunidade. O bispo fracassa quando não vê, não produz, não converte seu rebanho para a unidade testemunhal que revela que somos todos de Cristo. Não se trata de uniformidade, de ditadura eclesial, de nivelamento impessoal, mas de busca sincera de diálogo e respeito na diversidade dos carismas. Trata-se de articulação e busca de ideais e projetos eclesiais comuns, de constituição de uma rede fraterna e permanente de cuidado, de fecundo enlace ministerial, de colaboração mútua e solidária em vista do bem de todo o rebanho.

Daí a importância desta segunda proximidade na vida do presbítero: a proximidade com o bispo. No decreto do Concílio Vaticano II sobre a Ordem dos Presbíteros (*Presbyterorum ordinis*, que completou 60 anos em dezembro último), lemos: “Todos os presbíteros participam de tal maneira com os Bispos no mesmo e único sacerdócio e ministério de Cristo que a unidade de consagração e missão requer a **comunhão hierárquica** destes presbíteros com a Ordem episcopal. Esta comunhão, os presbíteros a manifestam de modo perfeito, por exemplo na concelebração litúrgica, quando, juntamente com o bispo celebram o banquete eucarístico. Portanto, os Bispos, pelo dom do Espírito Santo dado aos presbíteros na sagrada ordenação, têm-nos como necessários **cooperadores e conselheiros no ministério e múnus de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus**. Isto mesmo afirmam, claramente, os documentos litúrgicos dos primeiros tempos da Igreja, quando pedem solenemente a Deus para o Presbítero que será ordenado a infusão do «espírito de graça e conselho, para que, com o coração puro, ajude e governe o povo», como o espírito de Moisés, no deserto, se comunicou aos setenta varões prudentes, e, «servindo-se Moisés do auxílio destes, tornou-se fácil a ele governar a



grande multidão do povo». Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, **os Bispos devem estimar os presbíteros, como irmãos e amigos, e ter a peito o bem deles, quer o material, quer sobretudo o espiritual.** Recai sobre os bispos, muito particularmente, a **grave responsabilidade da santificação dos seus sacerdotes**; ponham, pois, particular empenho na **contínua formação do seu presbitério.** Estejam dispostos a **ouvi-los, consultem-nos e troquem com eles impressões** sobre os problemas pastorais e o bem da diocese. Para que isto se torne eficiente, haja, em conformidade com as atuais circunstâncias e necessidades, com estrutura e funções a determinar, **um conselho de sacerdotes**, que representam o presbitério, e pelos seus conselhos, podem ajudar eficazmente o Bispo no governo da diocese. Os presbíteros, porém, tendo presente a plenitude do sacramento da Ordem recebido pelos Bispos, **reverenciem neles a autoridade de Cristo** pastor supremo. Adiram ao seu Bispo com **caridade e obediência sinceras.** Esta obediência sacerdotal em espírito de cooperação fundamenta-se na própria participação do ministério episcopal conferida aos presbíteros pelo sacramento da Ordem e pela missão canônica. Assim, **nenhum presbítero pode realizar suficientemente a sua missão, isoladamente, mas só num esforço comum com os outros presbíteros, sob a direção dos bispos**, que estão à frente da Igreja” (PO 7).

O Papa Leão XIV recentemente na Carta Apostólica chamada Uma fidelidade que gera futuro, por ocasião exatamente dos 60 anos dos decretos conciliares *Optatam totius* e *Presbyterorum ordinis*, que tratam da formação e do ministério sacerdotal, nos recordou que: “a fraternidade presbiteral, mais do que uma tarefa a realizar, é **um dom** inerente à graça da ordenação. É necessário reconhecer que este dom nos precede: não se constrói apenas com boa vontade e em virtude de um esforço coletivo, mas é **dom da graça**, que nos torna participantes do ministério do Bispo e se realiza na comunhão com o Bispo e com os irmãos presbíteros”.

Portanto, caro diácono Messias e demais irmãos diáconos e sacerdotes, nossa comunhão, nossa proximidade, nosso vínculo sacramental e ministerial é um dom que precisamos pedir, receber, administrar e conservar cotidianamente. Não estaremos prontos definitivamente e intimamente conectados e próximos num ponto determinado de nosso caminho, como se não devêssemos mais pedir esta graça. Cada irmão presbítero que chega altera e enriquece (ou empobrece!) o grupo e a família clerical. Cada sacerdote que chega precisa ser acolhido e precisa acolher os já inseridos neste processo de comunhão e fraternidade sempre em construção e em estado diuturno de cultivo. Eis nosso dever de casa de todos os dias!

A proximidade com o Bispo permitirá que cada presbítero seja formado, conhecido, acompanhado, reconhecido nos seus dons e aptidões, ajudado nas suas dificuldades e crises, estimulado na vivência do ministério, inserido na vida diocesana, realizado na sua vocação pessoal.

Infelizmente sabemos e convivemos com tabus humanos, traumas com a autoridade, resistências aos superiores, contatos difíceis e frios, afastamentos do convívio com o bispo e com os demais presbíteros. Aqui não se trata de elencar as causas e as motivações destes comportamentos errados que dificultam a comunhão e a construção da unidade e do testemunho que deveríamos dar: o bispo e seus presbíteros e diáconos. Mas, cientes destas imperfeições e parcialidades, precisamos avançar numa conversão permanente e sempre maior à escuta, ao diálogo, à estima recíproca, à convivência, à proximidade entre nós. O povo vê nossas desconexões, nossas divisões, nossas rebeldias, nossos descuidos nesta matéria. Espero que, vendo isso, nosso rebanho reze pela conversão de seus pastores. Não podemos continuar



no patamar em que nos encontramos. Precisamos crescer no testemunho diante do nosso rebanho e na segurança afetiva e vocacional que decorre de nossa amizade e proximidade.

A unção que recebemos seja no Batismo, na Crisma e sobretudo na ordenação presbital e episcopal deve nos configurar a Cristo, o ungido por excelência e por primeiro, cumprindo a profecia de Isaías, e com Ele nos tornarmos aptos para fazer o bem, para cuidar dos frágeis e feridos de muitos males, para exorcizar os espíritos maus que roubam a dignidade e a liberdade dos que pertencem a Deus. Como também a mesma unção nos deve qualificar para servir e dar a vida (como sugere teu lema), para lançar-nos na sementeira da semente boa, da qual o mundo colherá sempre frutos bons e benditos que revelem sua destinação progressiva à meta certa, a saber, o Reino de Jesus, que vai crescendo e ganhando visibilidade pela presença fecunda dos discípulos de Cristo, que, como grãos sadios e de boa qualidade, lançam-se no chão destas terras sertanejas e em toda parte.

Estou disposto, caro diácono e em breve Pe. Messias e demais sacerdotes e diáconos, a oferecer minha parte de conversão que facilite e favoreça nossa proximidade sempre maior. Nesta proximidade vós me ajudareis a ser o Pastor primeiro e o Servo mais empenhado e eu vos ajudarei a ser um belo presbitério, um belo corpo clerical no qual resplandeça o testemunho da comunhão, da estima fraterna, da unidade de missão, mesmo mantendo sempre nossas diferenças, nossas individualidades, pois como indicou o Papa Leão na citada Carta Apostólica: “... é necessário recordar que a comunhão presbital nunca pode ser determinada por um nivelamento de indivíduos, carismas ou talentos que o Senhor derramou na vida de cada um. É importante que nos presbíteros diocesanos, mediante o discernimento do Bispo, se consiga encontrar um ponto de equilíbrio entre a valorização destes dons [pessoais] e a salvaguarda da comunhão”.

Avancemos, portanto, caros presbíteros e diáconos. Obrigado pela vossa presença no caminho desta Igreja, pela vossa missão e vossas fadigas, pela comunhão maior ou menor comigo. Não deixemos de progredir na proximidade que me torne sempre mais responsável por vós, vossa vida e missão, e vos torne sempre mais minha presença e extensão afetiva e pastoral do meu ministério de Pastor primeiro junto ao rebanho de Cristo, confiado por ofício a mim, e que, para eu cuidar devidamente, preciso e quero contar com cada um de vós.


Dom José Carlos de Souza Campos

Arcebispo Metropolitano de Montes Claros-MG